



# AH

## ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação  
dos Arqueólogos Portugueses

Volume 69  
2017

---

ENCONTRO  
LISBOA RIBEIRINHA MEDIEVAL E MODERNA  
— DADOS ARQUEOLÓGICOS

---



# ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

## RELATÓRIO DE ACTIVIDADES

### DA DIRECÇÃO – 2017

José Morais Arnaud  
Presidente da Direcção

O facto mais marcante deste ano foi de 2017 foi sem dúvida a aquisição, logo no início do ano, pela primeira vez na história da nossa Associação, de património imobiliário que servirá, para já, de apoio às actividades da AAP no domínio da investigação e da formação técnico-profissional, mas que constitui sobretudo uma importante reserva estratégica, em caso de qualquer alteração do actual enquadramento institucional da AAP e do MAC.

Esta aquisição patrimonial só foi possível graças a uma prudente gestão financeira, praticada pela Direcção ao longo dos últimos 20 anos, e ao crescente número de visitantes, sobretudo nos últimos cinco anos. Com efeito, embora o ano civil ainda não tenha terminado, já foram ultrapassados os objectivos que nos propúnhamos atingir, com um aumento de visitantes de cerca de 16% (atingindo um total de cerca de 282.000) e um aumento muito significativo de actividades culturais, envolvendo prestigiadas instituições e centenas de músicos, actores e pintores, às quais assistiram milhares de pessoas (não contabilizadas como visitantes do Museu), incluindo mais de 20 concertos, integrados no *Lisbon Music Fest*, além dos Concertos da Primavera e do Outono, da Orquestra da GNR, 20 representações de “O Rei UBU” de Alfred Jarry, pelo Teatro do Bairro, e ainda cinco sessões de cinema, em colaboração com a Filmin. (Figuras 1 e 2)



Figura 1 – Concerto integrado no Lisbon Music Fest.



Figura 2 – Peça de teatro no Museu Arqueológico do Carmo.

Além da habitual exposição de Artes Plásticas, de alunos e professores da Faculdade de Belas Artes de Lisboa que tem sido realizada no MAC nos últimos 10 anos, durante a primavera, em 2017, na sequência de uma breve “residência artística” que teve lugar no Parque Arqueológico e no Museu do Côa em 2016, foi realizada a exposição “Novos Olhares sobre o Côa – Exposição de Gravura Contemporânea”, que esteve patente ao público no MAC, em Junho e Julho, e no Museu do Côa, de Julho a Setembro, tendo tido um excelente acolhimento por parte do público. Esta exposição, que contou com a participação de 20 artistas, que se inspiraram nas gravuras pré-histórica para criar as suas obras numa linguagem plástica contemporânea, insere-se na campanha desenvolvida pela AAP no sentido de promover a divulgação da Arte do Côa entre o público português e os inúmeros visitantes estrangeiros do MAC. (Figura 3)



Figura 3 – Exposição no Museu do Côa – “Novos Olhares sobre o Côa – Exposição de Gravura Contemporânea”.

A actual situação financeira da AAP permitiu ainda à Direcção proceder a um ajustamento geral extraordinário das remunerações de todos os nossos colaboradores, como reconhecimento pela competência, zelo e dedicação com que têm desempenhado as suas funções, e como estímulo para que se continuem a empenhar na melhoria dos serviços prestados a todos os nossos consócios, parceiros e visitantes.

No que concerne às secções e comissões es-

pecializadas, a sua actividade decorreu nos moldes habituais, com apresentação ao longo do ano de diversas comunicações, tendo também sido emitidos numerosos pareceres referentes à Heráldica autárquica.

No âmbito da defesa e valorização do património arqueológico a Direcção desenvolveu ainda intensa actividade, quer junto da opinião pública, quer das entidades oficiais com responsabilidade nessa matéria, nomeadamente no que respeita à situação do Museu e Parque Arqueológico do Vale do Côa, quer do que resta do antigo Centro Nacional de Arqueologia Náutica e Subaquática (CNANS). No primeiro caso, a AAP teve uma posição bastante crítica em relação à nova Lei Orgânica da Fundação Côa-Parque, pois de acordo com a mesma, continua a não haver nenhum arqueólogo entre os cinco membros do seu Conselho de Administração apesar de a AAP estar representada, junto com outras 24 entidades, num Conselho Consultivo, sem qualquer capacidade de intervenção concreta na gestão do património arqueológico. Apesar disso, e por insistência da Senhora Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Prof.ª Fernanda Rollo, a Direcção aceitou participar no acima referido Conselho Consultivo, fazendo-se representar pelo Vice-Presidente, Dr. Luis Raposo, para que, pelo menos houvesse quem pudesse acautelar minimamente a componente arqueológica do importantíssimo património à guarda daquela fundação, então completamente paralisada por falta de meios para assegurar o normal funcionamento do Parque Arqueológico do Côa, pondo mesmo em risco a segurança daquele património, por falta de vigilância, o que aliás deu origem ao primeiro caso grave de vandalismo verificado nos últimos 20 anos. Assim, depois de criticar publicamente a situação extremamente grave e lesiva do único complexo arqueológico do país classificado como Património da Humanidade, a Direcção da AAP foi convocada para prestar declarações na Comissão de Cultura, Ciência e Educação da Assembleia da República, na sequência das quais o Ministro da Cultura se comprometeu publicamente a resolver a situação com

a maior brevidade possível, eliminando o avultado passivo entretanto acumulado, e dando garantias de reforço do sistema de vigilância das gravuras, e de pagamento regular dos salários dos trabalhadores do parque.

No que respeita à escandalosa situação do património arqueológico proveniente de mais de uma década de actividade do antigo CNANS, à guarda da DGPC, há mais de 10 anos, num armazém arrendado ao MARL, resultante do arrendamento daquele espaço a outra entidade, após o termo unilateral do contrato inicial, pondo em risco cerca de 15.000 objectos, a maior parte dos quais ainda em processo de conservação laboratorial, também a Direcção tomou diversas iniciativas, tais como uma visita a essas instalações, em companhia de dois deputados da República, no passado mês de Junho, de que resultou também a larga divulgação da situação na imprensa, duas audições parlamentares, nos meses de Junho e Outubro, e muitas promessas, parte delas ainda não cumpridas, por parte do Senhor Ministro da Cultura.

O ano de 2017 foi ainda marcado, no domínio da investigação, pelo recomeço dos trabalhos de campo da AAP em Vila Nova de São Pedro (Azambuja), após mais de 50 anos de interrupção das escavações aí desenvolvidos, ao longo de 30 anos, por Afonso do Paço e Eduardo Jalhay, em nome da AAP. Esses trabalhos, financiados este ano só pela AAP, contaram com a participação voluntária de vários consócios e de uma equipa de estudantes de arqueologia da Faculdade de Letras de Lisboa, dirigida pela Prof.ª Mariana Diniz, bem como com o apoio logístico da Câmara Municipal da Azambuja e da União das Freguesias de Manique do Intendente, Vila Nova de São Pedro e Maçussa, e tiveram o melhor acolhimento por parte da população local, que há muito ansiava pelo recomeço dos trabalhos naquele local. Espera-se, assim, que possam ter continuidade nos próximos anos, com maior amplitude e com outros apoios financeiros e institucionais, no âmbito de um vasto projecto de investigação e valorização de um dos mais importantes sítios arqueológicos do território português, que se

encontrava, até este ano, no mais completo estado de abandono. (Figuras 4, 5 e 6)



Figura 4 – Trabalhos arqueológicos em Vila Nova de São Pedro.



Figura 5 – Trabalhos arqueológicos em Vila Nova de São Pedro.



Figura 6 – Dia Aberto em Vila Nova de São Pedro – atelier de arqueologia experimental.

Porém, uma das mais importantes actividades desenvolvidas em 2017 foi a realização do II Congresso da AAP, de 21 a 25 de Novembro, com a colaboração da Faculdade de Letras e da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas de Lisboa, o qual contou com a participação de cerca de 400 arqueólogos e estudantes de arqueologia de todo o país, que apresentaram um total de 153 comunicações e posters (Figuras 7 e 8). Tal como em 2013, procedeu-se à pré-publicação de todos os trabalhos entregues, num total de cerca de 2100 páginas, entregues aos participantes num inovador cartão USB, anexo ao Livro do Congresso, com o programa e os resumos de todas e posters as comunicações (Figura 9). Este congresso, que correu da melhor forma, graças ao empenho da sua Comissão Organizadora, coordenada de forma muito eficiente pela nossa estima consócia Doutora Andrea Martins.



Figura 7 – Sessão inaugural do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses.



Figura 8 – Aspecto de uma das sessões temáticas do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

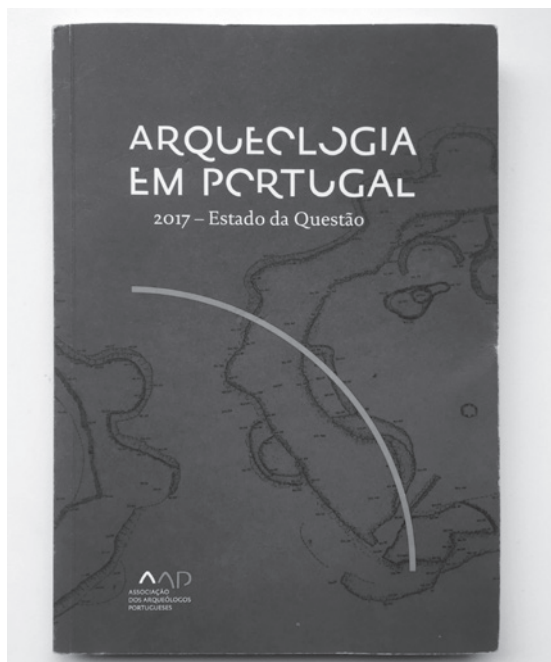


Figura 9 – Livro do II Congresso da Associação dos Arqueólogos Portugueses.

Neste ano foi também atribuído pela terceira vez o Prémio Eduardo da Cunha Serrão, destinado a estimular a investigação arqueológica, o qual foi atribuído por unanimidade ao trabalho *On Death in the Mesolithic*, sobre o espólio antropológico dos concheiros do Sado, da autoria de Rita Peyroteo Sterjna, da Universidade de Uppsala (Suécia). O júri atribuiu ainda uma menção honrosa ao trabalho *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*, da autoria de Ricardo Jorge Costeira da Silva, da Universidade de Coimbra.

Além das actividades habituais do Serviço Educativo do MAC, destinadas à população escolar e ao público em geral, incluindo visitas guiadas em várias línguas, sobretudo durante o verão, e a realização de duas peças de teatro, destinados às famílias com crianças, foram ainda realizados vários cursos livres, exposições e oficinas dedicadas ao *urban sketching* e à ilustração infantil, culminando na habitual Feira do Livro Infantil, no corrente mês de Dezembro. (Figura 10)



Figura 10 – Actividade do Serviço Educativo do MAC.

Em relação ao Museu e ao próprio edifício, foram realizadas várias acções de conservação e restauro, consideradas mais urgentes, entre as quais se destacam as intervenções feitas em toda a parede norte da nave, incluindo o clerestório, numa extensão de 40m, bem como todas as peças inseridas na mesma. Procedeu-se ainda a uma intervenção de conservação e restauro do túmulo gótico do rei D. Fernando I, em mais uma tentativa de por cobro ao processo de degradação da pedra utilizada na sua feitura, que tem vindo a ser acompanhado por especialistas da DGPC, sendo os resultados até agora obtidos bastante animadores (Figuras 11 e 12).

No que respeita aos aspectos estruturais do edifício histórico do Carmo, foi solicitado um diagnóstico da situação a uma equipa da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, chefiada pelo Prof. António Arêde, o qual foi enviado no passado mês de Agosto à DGPC, com pedido de elaboração de um projecto de obra a executar pela AAP, sob a orientação daquela entidade (Figura 13). Entretanto, foram já concretizadas algumas medidas de precaução previstas naquele relatório, na zona da cabeceira, aguardando-se há mais de três meses a autorização da CML para a ocupação da via pública necessária à conclusão dessas medidas.

No domínio editorial, além do catálogo da exposição *Novos Olhares sobre o Côa* (Figura 14) e do Livro do II Congresso da AAP, *Arqueologia em Portugal 2017 – Estado da Questão*, foi publicado mais um volume duplo da revista *Arqueologia e História*,



Figura 11 – Trabalhos de conservação e restauro.



Figura 12 – Trabalhos de conservação e restauro.



Figura 13 – Trabalhos de diagnóstico de aspectos estruturais do edifício histórico do Carmo.

o qual contém uma dezena de comunicações apresentadas pelas secções, desde a Pré-História à Época Moderna, está disponível para todos os sócios que tenham as quotas em dia, podendo-a levantar na loja do Museu durante o horário normal de funcionamento.

Durante este ano a Direcção da AAP foi ainda chamada a intervir em defesa da Arte do Côa e da Arqueologia Náutica e Subaquática, em duas sessões da Comissão Parlamentar de Cultura da Assembleia da República, e em vários comunicados à imprensa e artigos de jornal.

Nada disto teria sido possível sem o esforço dos corpos gerentes e a dedicação de um pequeno mas eficiente grupo de consócios, colaboradores e parceiros, a quem muito agradeço pela sua imprescindível contribuição para o bom funcionamento desta centenária instituição.

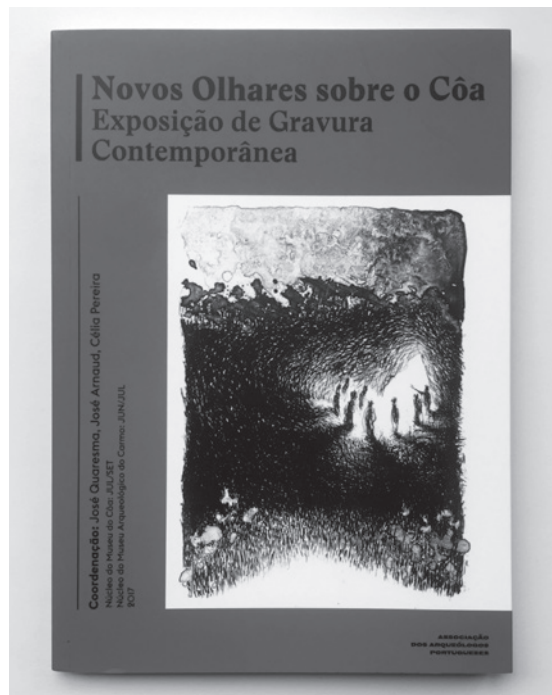


Figura 14 – Livro “Novos Olhares sobre o Côa”.





ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863–2019

[www.arqueologos.pt](http://www.arqueologos.pt)